

EDUARDO DUARTE – FIGURA-CHAVE NA CONSTRUÇÃO DA REDE DE COOPERAÇÃO INSTITUCIONAL DE APOIO À HISTÓRIA NO RIO GRANDE DO SUL (SÉC. XX)¹

Jefferson Teles Martins²

Foi ali, numa das salas do prédio que já não existe, onde funcionava o Arquivo Público, que a ideia surgiu, e, em breve se tornava realidade. Eram poucos. Dirigia a repartição o dr. Florêncio de Abreu; junto de nós trabalhavam, diariamente, em pesquisas de caráter histórico, Souza Docca, o saudoso P. João Batista Hafkemeyer e, poucos passos, distante, na repartição de Estatística, Otávio de Faria, que foi o primeiro a abrir vaga em nossa companhia, pois logo depois era arrebatado pela voragem cruel da morte. Foram os primeiros e logo em sessões subsequentes novos elementos foram se integrando em nosso ideal, até que em 5 de agosto de 1920 o Instituto se tornava em realidade (Eduardo Duarte, *Revista do IHGRGS*, n. 98, 1945, p. 157).

Eduardo Duarte, talvez, represente com exatidão a ambiguidade entre os privilégios e as vicissitudes de ser intelectual no Rio Grande do Sul, na primeira metade do século XX. Ingressou no funcionalismo público estadual em 12 de maio de 1899.³ Foi responsável pela seção de História do Arquivo Público do Estado. Nesta condição, quando Florêncio de Abreu era diretor do Arquivo Público, Eduardo Duarte criou, em 1921, a *Revista do Arquivo Público*, encerrada em 1925, com 18 números. Quando Florêncio de Abreu deixou a direção do Arquivo Público, em 1924, Duarte empenhou-se para que a 2ª Secção do Arquivo Público do Rio Grande do Sul, da qual era diretor, fosse incorporada ao Museu Júlio de Castilhos, cujo diretor era o escritor Alcides Maia. Essa estratégia fez com que o Museu Júlio de Castilhos fosse atraído para a órbita do IHGRGS e da produção histórica, e tornou-se, então, o quartel general do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul. Até então, o Museu privilegiava a chamada História Natural, a partir daí progressivamente a História Nacional e Local ganharam maior destaque, demonstrando a expansão do interesse historiográfico pela ação de

1 Palestra proferida na Sessão Solene dos 97 anos de aniversário do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul em 2017.

2 Doutor em História pela PUCRS e membro pesquisador do IHGRGS.

3 Eduardo Duarte formou-se em medicina, em 1921, pela Escola Médico-Cirúrgica de Porto Alegre.

agentes conscienciosos (NEDEL, 1999). Desde 1924, depois da morte do Padre Hafkemeyer, Eduardo Duarte assumiu a direção da redação da *Revista do Instituto Histórico* e, a partir de 1927, cumulativamente, também editava a *Revista do Museu e Arquivo Público do Rio Grande do Sul*. O Instituto Histórico, sediado “provisoriamente”, até setembro de 1943, no Museu do Estado, fez dele a sua casa, especialmente por causa da presença de Eduardo Duarte, que aglutinava em torno de si boa parte da intelectualidade local, estimulava novos historiadores e atraía a vida do Instituto para o seu entorno. No Museu, ocupava o posto de diretor do Departamento de História Nacional, mas, na prática, era Duarte que, desdobrando-se em muitos, tocava não só o Museu, mas também o Instituto e sua revista.

Em 1995, a *Revista Estudos Ibero-Americanos*, do PPG de História da PUCRS, publicou uma entrevista de Dante Laytano concedida a Moacyr Flores, na qual aquele relembra alguns aspectos do início da sua trajetória como historiador, no começo dos anos 1930. Laytano ressalta o papel de Eduardo Duarte como figura-chave na sua iniciação pela pesquisa histórica:

Na minha geração não se começava com estudos históricos, não se pesquisava. Começava-se pela literatura, poesia e contos. Os jornais diários sempre abriam colunas aos literatos. Uma figura que faço questão de lembrar é a do doutor Eduardo Duarte, que dirigiu e fundou o Arquivo Histórico do RS. Ele realizou uma carreira de funcionário do Arquivo Público, mas como era um apaixonado pelo passado e pela fonte histórica, organizou de maneira modelar o material histórico, estabelecendo uma seção especial que ele mais tarde conseguiu levar para o Museu Júlio de Castilhos, iniciando assim a segunda fase da documentação histórica do Rio Grande do Sul.⁴

Sobre o momento que foi o “*estopim*” para que Laytano iniciasse uma trajetória intelectual pela pesquisa histórica, afastando-se da crítica literária e da literatura, onde estreara, em 1931, com o livro de contos *Uma mulher e outras fatalidades*,⁵ ele relata: “Quando lhe fazia uma visita no Museu Júlio de Castilhos, o Eduardo Duarte mostrou-me documentos interessantes, para que eu desse uma lida e escrevesse alguma coisa. Foi o estopim para que nascesse o pesquisador”. Ora, é necessário nuançar esse relato, e relacioná-lo com a mudança mais ampla que estava acontecendo de insti-

4 FLORES, Moacyr, 1995, p. 109.

5 Segundo Moacyr Flores (2000), Dante de Laytano renegava essa obra, que trazia pequenas crônicas “de desamor e crítica às mulheres perversas” (FLORES, 2000, p. 8).

tucionalização da História, e, conseqüente, incipiente mas visível aumento do prestígio de ser “historiador”. Laytano está certo quando afirma que os jornais “sempre abriam colunas aos literatos”. E isto era um condicionante importante para que o início das trajetórias intelectuais nos jornais se desse pela literatura. Mas, também é verdade que depois de 1930, todos os ingressantes no IHGRGS tiveram publicações de estreia através de alguma forma de ensaio ou monografia. Ou seja, pelo incremento do prestígio social da História e da pesquisa, houve numa mudança no tipo de investimento inicial na carreira intelectual.

Além disso, uma carta enviada por Laytano a Eduardo Duarte, em setembro de 1930, indica que aquele aspirante a intelectual iria fazer sua estreia por um romance histórico chamado *Bento Gonçalves*, o qual descreve como “livro inquieto. Feito de verdade. Encantamento das biografias romanceadas”. Ele informa por carta a Duarte: “estava com o meu livro pronto para remetê-lo quando recebi a esplêndida reedição *d’O Povo*, que se deve exclusivamente a V. Exa.”. A reedição de *O Povo*, jornal dos revolucionários farroupilhas, foi feita em 1930, após larga pesquisa de Eduardo Duarte, até encontrar os 116 volumes do antigo periódico. Ao que parece, essa reedição demoveu Laytano da intenção imediata de publicar o romance sobre Bento Gonçalves. Justificou: “subsídios tão eloquentes [do jornal *O Povo*] influíram no corpo da obra. Estou a reformá-la”. Mas nunca veio à luz.

A relação mestre/discípulo entre Eduardo Duarte e Dante de Laytano é um aspecto bastante saliente na correspondência entre os dois. Na carta aludida, escrita quando Laytano era juiz distrital em Jacuí, a forma como um fato marcante é mencionado assinala o grau de afetividade na relação de ambos: mesmo ante um momento de tristeza pela morte do seu pai, Laytano sente-se compelido a escrever a Duarte, para cumprimentá-lo pelo sucesso da publicação de *O Povo*:

A liberdade que tive em escreve-lo me foi compelida pelo dever dum pobre discípulo para com o insinuante mestre que é V. Exa. Neste instante em que o seu talento resplandeceu. Perdendo o meu pai, não me sinto com forças para escrever, como eu desejo, esta trêmula missiva... Sincera e respeitosamente, Seu discípulo. Dante de Laitano.⁶

No ano seguinte, quando Laytano já estava em Rio Pardo, o historiador neófito realizou o primeiro trabalho de pesquisa histórica, que versou sobre os monumentos históricos e artísticos de Rio Pardo. Na entre-

6 Carta de Dante de Laytano a Eduardo Duarte. Jacuhy, 1 de setembro de 1930. Fundo Eduardo Duarte, Arquivo do IHGRGS.

vista citada (concedida a Moacyr Flores), Laytano fala sobre o seu primeiro orientador:

vim a Porto Alegre, ao Arquivo Histórico, que era seção do Museu Júlio de Castilhos, dirigido pelo dr. Eduardo Duarte. Fiz perguntas a ele sobre documentos, de como poderia estudá-los. Terminei sendo um discípulo de quem me orientou sobre os documentos e materiais que eu deveria pesquisar. Achei que era bom conversar com uma autoridade sobre o assunto, pois não era minha seara e eu tinha que começar os estudos, pesquisas, avaliações e daí nasceu o gosto pela história e um livro sobre Rio Pardo.⁷

A carta que será transcrita abaixo documenta a percepção de Dante de Laytano a respeito da ascensão social da história, do papel de Duarte na inflexão da sua trajetória rumo ao novo quadrante, e, por fim, a “profissão de fé” na história como o caminho a seguir nas lides intelectuais:

As novas gerações começam a compreender o verdadeiro sentido da história. Alguém ousará negar a V.S. a feição máxima de sua personalidade: o condutor [?] Porque em V.S. existe a mesma característica do mestre que Paul Bourget imortalizou num romance maravilhoso: “Le disciple”. A modéstia, a pureza e o silêncio. Nada vinha de sua pessoa e tudo vinha de sua pessoa. Porque ele era um homem de recolhimento... aqui é que justamente eu nunca me perdoaria se não fizesse público a obra criadora que se lhe deve. O arquivismo guindado à categoria de ciência quando, entre nós, não passava duma sonolenta repartição burocrática. **Peço a V.S. que não veja nas minhas palavras qualquer intenção bajuladora ou social porque tudo lhe devo quanto à minha nova orientação.** Acostumado à indiferença dos pendantes (*sic*) e a mediocridade dos funcionários elevados, por acaso, a chefias de departamentos científicos, ia esmorecendo o meu amor às nossas cousas quando surgiu na minha vida intelectual a figura de V.S., revigorou-se a minha ilusão de homem de 24 anos... Sinto-me assim amparado. É o estímulo. **Dedicar-me-ei somente aos estudos históricos.** Farei minha despedida da literatura com uma novela de imigrante que estou a terminar, o que me preocupará em arte é a crítica. A crítica é uma espécie de história da arte... (grifos meus).⁸

7 FLORES, 1995, p. 111.

8 Carta de Dante de Laytano a Eduardo Duarte. Rio Pardo, 19 de março de 1932. Fundo

Como se vê, esse trecho da correspondência contém elementos de desabafo, em expressões como a “indiferença dos pedantes”, que, veladamente, aponta para as barreiras sociais que um jovem, sem recursos sociais de família, enfrentava para ascender na esfera intelectual. Mas também traça um perfil pessoal e profissional de Eduardo Duarte através do qual pode-se compreender o papel desse agente no processo de institucionalização da História e da organização arquivística no Rio Grande do Sul.

O relato contido nessas poucas missivas citadas corresponde a fotografias capturadas no momento dos acontecimentos que, ainda que carregadas de subjetividade, revelam com acuidade um “clima” e um “relevo” intelectual que dão fundo a uma relação afetiva mas assimétrica entre o estabelecido e o aspirante a uma posição no meio intelectual gaúcho dos anos 1930. O testemunho de Dante de Laytano dado a Moacyr Flores na década de 1990 e as correspondências daquele nos anos 1930 se completam e se reafirmam. Desta forma, nesta sucinta comunicação é possível assegurar que Eduardo Duarte ocupou uma posição chave no processo de cooperação institucional em apoio à História nos anos 1930 e no recrutamento de novos historiadores no Rio Grande do Sul.

Referências:

FLORES, Moacyr. Nos caminhos da história com Dante de Laytano. **Estudos Ibero-Americanos**, PUCRS, v. 21, n.1, p. 109-117, julho, 1995.

FLORES, Moacyr. Historiografia de Dante de Laytano. **Estudos Ibero-Americanos**, PUCRS, v. 26, n.1, julho, 2000.

Revista do IHGRGS, n. 98, 1945, p. 157